

FANTASIA E REALIDADE: COMO O LIVRO INFANTIL PODE COLABORAR COM A APRENDIZAGEM E O PROTAGONISMO INFANTIL

Autora: Paula do Nascimento Ferreira; Co-autor: Eliza Aparecida Costa da Silva

*Professora de ensino fundamental do município do Rio de Janeiro, paulinhanf@yahoo.com.br
Professora de educação infantil do município do Rio de Janeiro, elizaaparecida@gmail.com*

Resumo: A infância é uma fase de descobertas e experiências por parte da criança. É nesta etapa da vida que o sujeito começa a explorar formas de comunicação, interagindo com o mundo e aqueles que dele fazem parte. No decorrer dos séculos percebemos que o conceito de infância foi se modificando. Antes vista como um mini adulto, a criança foi ganhando novas ressignificações com o passar do tempo, e hoje pode ser entendida como um ser social, político e histórico que participa, modifica e produz cultura dentro da sociedade em que está inserida. É durante esta etapa do seu desenvolvimento que a criança tem a oportunidade de brincar, aprender e compreender o mundo. Diante deste contexto, ela é introduzida em um ambiente até então desconhecido, repleto de novas significações, capaz de possibilitar uma rica experiência social: a escola, espaço educacional que tem como função auxiliar a criança em seu processo de aprendizagem. Na escola o sujeito é estimulado a ampliar seus conhecimentos sobre os diferentes tipos de linguagem, enfrentando dilemas e adquirindo saberes necessários para a sua formação. O presente trabalho tem como objetivo mostrar como atividades realizadas em sala de aula podem aliar o lúdico à aprendizagem infantil, destacando que por meio da literatura infantil é possível fazer com que o indivíduo se reconheça como sujeito que faz e participa da história. Para isso será apresentada uma sequência didática que procura evidenciar as reflexões referentes a esta temática, destacando a questão do protagonismo infantil.

Palavras-chave: criança, livro e protagonismo.

Introdução

A infância é uma fase de descobertas e experiências por parte da criança, cujo conceito foi se modificando ao longo do tempo em virtude das modificações que foram ocorrendo na sociedade, ganhando novas ressignificações. É nesta etapa da sua vida que o sujeito vai conhecendo formas de se comunicar, apropriando-se de diversas linguagens e constituindo sua visão de mundo.

Neste contexto, a criança pode se apropriar de narrativas evidenciadas nos livros infantis para, por meio de ações como a interpretação das histórias, o estabelecimento de diálogos, as oportunidades de trocas entre os indivíduos, as representações possibilitadas pelo brincar, entre outras, se relacionar com o outro, numa rica interlocução que a permite descobrir, conhecer e se reconhecer enquanto sujeito histórico, político e social, produtora e aprendiz de saberes.

Partindo deste princípio, o presente trabalho procura mostrar como atividades realizadas em sala de aula podem aliar o lúdico à aprendizagem infantil, proporcionando momentos de divertimento e de aquisição de conhecimentos, auxiliando a criança a compreender e atuar no mundo, misturando elementos da fantasia com os da realidade. Além disso, ele também procura destacar que por meio da literatura infantil é possível fazer com que este indivíduo se identifique e se afirme como sujeito que faz e participa da história, despertando seu interesse pelas práticas de leitura e escrita, produzindo, compartilhando e multiplicando saberes, tornando-se, portanto, protagonista de sua aprendizagem e autor de discursos orais e escritos.

Metodologia

Ao refletir sobre a importância de apresentar às crianças livros que propiciassem uma aprendizagem lúdica, foi elaborada uma sequência didática cuja metodologia utilizada foi a descritiva, visando analisar alguns dados coletados através das atividades realizadas com uma turma do segundo ano do ensino fundamental de um Ciep do município do Rio de Janeiro, tendo como referência o enredo do livro "Pula, gato!" de Marilda Castanha¹.

A pesquisa procurou observar como a utilização de um livro infantil possibilita uma rica e dinâmica experiência lúdica de aprendizagem, estimulando a prática da leitura e da escrita nas crianças, em um contexto onde a criatividade, a invenção e a diversão se faziam

¹ O livro mostra a história de uma menina que está em uma galeria de arte e encontra o personagem de uma das pinturas, que resolve sair do quadro e fazer sua própria obra. Por não possuir texto, apenas imagens, o livro estimulou a imaginação das crianças na etapa de elaboração da história.

presentes de modo cativante e plural². Partindo desta visão, a sequência foi realizada da seguinte maneira:

- Leitura inicial: a professora apresentou o livro, destacando a capa e a contracapa, e incentivando os estudantes a expressar oralmente informações explícitas, tais como título e autora, e também a imaginar, sugerir e debater com os colegas o assunto da história;
- Observação e apresentação de obras de artes, como o Abaporu de Tarsila do Amaral: no decorrer do livro, são exibidos famosos trabalhos criados por ilustres pintores brasileiros que vão compondo a narrativa. Por isso, após a leitura inicial, a professora contextualizou tais obras, mostrando seus autores e contando brevemente a trajetória de cada um como informações relevantes, bem como outras pinturas por eles elaboradas;
- Releitura do Abaporu pelas crianças: como os estudantes acabaram se encantando com o quadro do Abaporu, em virtude de suas notáveis características, foi sugerido que eles criassem desenhos que representassem esta obra, sendo um momento lúdico, divertindo-os e estimulando sua criatividade;
- Elaboração de texto coletivo: visando registrar por escrito o enredo apresentado, oportunizando a autoria e o protagonismo infantil, a turma produziu um texto coletivo narrando a história, onde a professora exerceu a função de escriba, mas cujos autores foram os próprios estudantes;
- Confeção de livro: o texto elaborado coletivamente foi escrito e ilustrado pelos estudantes, sendo reunido em forma de livro. Desta forma, finalizando a sequência didática, a turma produziu sua versão do “Pula, gato!”.

Estas atividades foram realizadas em aproximadamente um mês, com a participação ativa das crianças que, por meio destas ações, tiveram a oportunidade de se reconhecerem enquanto autores.

Não são as coisas que saltam das páginas em direção à criança que as vai imaginando – a própria criança penetra nas coisas durante o contemplar, como nuvem que se impregna do esplendor colorido desse mundo pictórico. Diante do seu livro ilustrado, a criança coloca em prática a arte dos taoístas consumados: vence a parede ilusória da superfície e, esgueirando-se por entre tecidos e bastidores coloridos, adentra um palco onde vive o conto maravilhoso (BENJAMIN, 2002, p. 69).

Resultados

² Cabe aqui destacar que nem sempre um livro causa deleite e diversão, podendo despertar sentimentos mais obscuros como medo, raiva, revolta, tristeza, entre outros.

Diante dos registros realizados ao longo da sequência didática apresentada anteriormente, foi possível refletir sobre alguns pontos presentes na formação e no contexto infantil das crianças participantes da pesquisa. O primeiro deles é que uma atividade pedagógica só fará sentido para o sujeito se ele conseguir perceber o porquê daquilo ser importante e que contribuições poderão trazer para sua vida. Se esta reflexão não for despertada no estudante, instigando e promovendo seu interesse, a criança poderá não se sentir estimulada a expressar-se livremente, o que pode ter como consequência dificuldades na sua aprendizagem e na interação com o outro.

Foi possível perceber que a turma do segundo ano se envolveu com a sequência didática elaborada, pois as atividades não eram meros exercícios didáticos, nem foram jogadas ou impostas, mas constituiu uma construção que partiu do coletivo para o individual, ganhando variadas significações ao longo das etapas.

Outro aspecto que carece de atenção é a questão de se aliar o lúdico à aprendizagem. Essas duas perspectivas também precisam estar presente dentro e fora da sala de aula, possibilitando a brincadeira, a imaginação e a aquisição de conhecimentos, pois, desta forma, a criança vai aprendendo de modo atraente e dinâmico.

Trabalhar com a ideia de elaboração de produções textuais, seja coletiva ou individualmente, é mais um tópico que merece ser destacado, pois estimula as práticas de leitura e escrita dos estudantes, valorizando suas criações e promovendo o protagonismo infantil.

Sobre o texto Carvalho (2015) escreve: “O texto é um tecido feito com palavras, assim como o pano é um tecido de fios. Fios soltos não formam um tecido, palavras soltas, desconexas, sem um sentido que as aproxime, não formam um texto (p.49)”. A autora nos mostra que assim como os fios, quando unidos, formam tecidos, ocorre o mesmo com as palavras. Quando agrupamos palavras que se relacionam entre si, quando há uma produção de sentido na união entre as palavras, surge o texto, e através dele a criança alia fantasia e realidade, iniciando seu processo de autoria.

Estas reflexões nos mostram que, no universo infantil, existem elementos que precisam ser estimulados dentro e fora da escola que auxiliam a criança em seu processo de aprendizagem e em sua formação enquanto sujeito político, histórico e social. Promover atividades que valorizem e promovam o envolvimento e o protagonismo infantil, de modo lúdico, é importante para o crescimento e a transformação do sujeito.

Discussão

No decorrer dos séculos, percebemos que o conceito de infância foi se modificando. Antes vista como um pequeno adulto, a criança foi ganhando novas ressignificações com o passar do tempo, e hoje em dia configura uma nova geração, que a compreende como um ser social e histórico que participa, modifica e produz cultura dentro da sociedade em que está inserida.

Segundo Áries (1981), “na sociedade medieval a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais deste” (p. 156). Neste período, tal sujeito não era valorizado, e só se destacava quando não precisava mais dos cuidados da mãe, mostrando que havia se tornado um “mini adulto”, pois passava a agir como tal, imitando o modo de vida considerado “adequado” pela sociedade da época, vestindo-se e comportando-se com certa maturidade.

A visão sobre infância foi se transformando à medida que a Igreja Católica começou a defender novos modelos familiares, valorizando o matrimônio e o ato de procriar, que eram vistos como práticas necessárias para a formação moral e social do sujeito. Foi apenas no século XVIII que surge o sentimento de infância, compreendendo o sujeito não mais como um “mini adulto”, mas um indivíduo com particularidades e necessidades específicas. A partir de então, as famílias começaram a dedicar-se a educação e ao bem estar infantil, contribuindo para a criação das primeiras instituições escolares³. Com a Idade Moderna, a criança passou a ser compreendida como um sujeito com determinadas singularidades, diferenciando-se do adulto.

De acordo com Benjamin (2002), “a criança não é um ser isolado vivendo em uma ilha. Ela é sujeito social, faz parte de uma determinada cultura, atuando no mundo que a rodeia, interpretando-o e produzindo sentido”. Este sujeito também configura-se como sendo autor e produtor de saberes que, especialmente durante a infância, compartilha seus conhecimentos através das interlocuções que estabelece na escola, participando, indagando, questionando e interagindo.

Para Bakhtin (2014), “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro (p. 117)”, e, portanto, liga o locutor ao ouvinte, estabelecendo uma relação entre aquele que fala e quem ouve, e vice-versa, fazendo com que a língua seja constantemente construída e modificada. Vale lembrar que “a língua está sempre carregada de um conteúdo ou de um

³ As primeiras escolas surgiram com o objetivo de instruir e disciplinar os sujeitos, ensinando-os a portar-se de maneira apropriada, sem se preocupar com sua formação enquanto sujeito social, ao contrário dos dias atuais.

sentido ideológico ou vivencial (BAKHTIN, 2014, p. 99)”. Nenhuma palavra é neutra ou isenta de significado. Ela é carregada de sentido e este irá depender do contexto em que a palavra for proferida.

Benjamin (2002) ainda nos mostra que “de repente as palavras vestem seus disfarces e num piscar de olhos estão envolvidas em batalhas, cenas de amor e pancadarias. Assim as crianças escrevem, mas assim elas também leem seus textos (p.70)”. É através da leitura que a criança vai desenvolvendo o hábito da escrita, expressando-se e dando início ao seu processo de autoria.

A infância é uma fase importante e enriquecedora na vida de uma criança e, portanto, deve possibilitar a este sujeito estabelecer relações sociais e culturais, dando a ele a oportunidade de brincar, aprender, e se constituir como ser histórico e social. Neste viés, é importante que a escola possibilite aos educandos viver experiências que incentivem sua curiosidade, provocando novas vivências, enriquecendo seus saberes, elaborando e construindo conhecimentos, ao mesmo tempo em que produzam seus discursos simbólicos.

Cabe destacar que cada criança participa de um contexto sociocultural e histórico diferente. De acordo com Sarmiento (2005), “as crianças são seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertence, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem”. Os aspectos sociais são os responsáveis pela presença da diversidade na sociedade. E isso também é percebido nas unidades escolares, onde encontramos estudantes física, emocional, regionalmente diferentes. Mas são essas diferenças que fazem com que a escola seja um espaço de múltiplas trocas e diálogos, possibilitando a criança compreender o mundo, principalmente através da brincadeira, pois, por meio dela, o sujeito desenvolve habilidades psicológicas, motoras e sociais, estimulando a curiosidade e a autoconfiança, e produzindo representações de práticas existentes em seu cotidiano, na natureza e nas construções humanas.

Tais fatores também podem ser observados através da leitura de livros infantis, que são obras repletas de signos que despertam no sujeito variados significados. “Os livros trazem o mundo e nos dizem muitas coisas. [...] Tudo cabe no livro” (SILVA, CORSINO, 2014, p. 151). Eles contam histórias e abordam temas presentes em nossa sociedade, fazendo-nos aprender, compreender e construir sentidos. Desta forma, ler produções literárias pode auxiliar o sujeito a entender o mundo.

Além disso, as imagens do livro também conseguem transportar o indivíduo para um universo mágico e único: a imaginação. É neste lugar

que ele passa a criar. “A criança penetra nessas imagens com palavras criativas. E assim ocorre que ela as “descreve” no outro sentido do termo, ligado aos sentidos. Cobre-as de rabiscos. Nessas imagens, aprende ao mesmo tempo a linguagem oral e a escrita: os hieróglifos” (BENJAMIN, 2002, p. 66). As ilustrações contidas nos livros infantis instigam a oralidade e a escrita do sujeito, desenvolvendo seu pensamento, estimulando sua invenção, fazendo-o se expressando por meio da linguagem oral, escrita ou pictórica, colaborando com o início do seu processo de autoria.

Desta forma, a criança mescla elementos da fantasia com os da realidade, se envolvendo com a história e fazendo parte dela. Quando estes dois universos se misturam, o estudante vai praticando a leitura e a escrita, estabelecendo elos com o texto que poderão ser percebidos em suas falas ou em seus escritos, no momento em que expõe suas impressões sobre o livro.

Ao relacionar-se com o livro infantil, a criança experimenta novas situações através da escolha do livro, da leitura, do debate, da escrita, da brincadeira que possibilita a reinterpretação das histórias, fazendo-a se aproximar das variadas formas de linguagem e dos encantamentos provocados pela literatura. Em virtude disso, ela vai dialogando com estes dois segmentos ao mesmo tempo em que aprende e troca com o outro, num constante processo de aprendizagem.

Através das palavras, o sujeito pode elaborar um texto recheado de significados, que foram percebidos em virtude da leitura do livro. Usando sua imaginação, o estudante pode transformar seu texto em uma incrível aventura, ou num conto maravilhoso, ou ainda num romance permeado de dramas e reviravoltas. De acordo com Carvalho (2015),

Observando livros infantis, as crianças inventam histórias inspiradas nas ilustrações. Criam narrativas para si mesmas e para os colegas. As histórias lidas ou narradas pela professora, e pelos alunos também, têm um papel importantíssimo na educação da criança: elas alimentam a imaginação e o sonho, melhoram a expressão verbal, aguçam a curiosidade, criam amor pelos personagens, pelas palavras, pelos livros. (p. 53).

O livro infantil também possibilita o brincar: “As crianças trazem para os enredos os personagens e ações das histórias – entram por inteiro no texto, viram o herói, evidenciando uma leitura mimética – “a criança é o personagem”, sentindo suas emoções” (CORSINO, PIMENTEL, 2014, p. 258). Ao ler um livro infantil, o sujeito quer participar da história, elaborando brincadeiras, relacionando-se com os personagens, repetindo, reproduzindo e criando novas situações no ato de brincar, despertando variados sentimentos na criança, fazendo-a imaginar outras histórias e a inventar a sua,

desenvolvendo o ato criativo oportunizado pela liberdade da sua imaginação.

Aliando fantasia e realidade, seja por meio da brincadeira ou da leitura de um livro infantil, a criança vai descobrindo e interagindo com a palavra, estimulando sua concentração, autonomia, reflexão, senso crítico, construção de conhecimento, despertando o gosto pelas práticas de leitura e escrita ao mesmo tempo em que se afirma enquanto protagonista no mundo.

Conclusões

A criança é um sujeito em formação que vai compreendendo o mundo na medida em que observa e vivencia situações, numa valiosa interlocução com o outro. Segundo Pereira e Souza (1998), precisamos “construir uma compreensão da experiência da infância na contemporaneidade que nos permita uma redefinição do lugar social ocupado pelos sujeitos na imbricada rede de relações intersubjetivas e socioideológicas que os constituem (p. 36)”. É necessário que se compreenda a criança como sujeito plural que participa da sociedade e que também cria, recria e produz cultura.

Por este motivo é importante que tal sujeito tenha experiências lúdicas, seja por meio de brincadeiras ou do uso do livro infantil como fonte de diversão e aprendizagem, para que possa trocar saberes, num contínuo e diversificado processo onde possa ensinar e também aprender.

A escola pode auxiliá-lo desenvolvendo atividades que explorem a criatividade, o diálogo, a busca por respostas. Desta forma, a criança é capaz de ampliar suas práticas de leitura e escrita, tornando-se protagonista da sua aprendizagem.

Referências

- ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BAKHTIN, M. M. (Mikhail Mikhailovitch). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 16. ed. – São Paulo: Hucitec, 2014.
- BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. 12. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CORSINO, Patrícia; PIMENTEL, Claudia. Reflexões sobre a leitura literária na escola. *In*: CORSINO, Patrícia (org). **Travessias da leitura na escola**. 1. ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

PEREIRA Rita M. R & JOBIM E SOUZA Solange. Infância, Conhecimento e Contemporaneidade *IN*: KRAMER Sonia & LEITE Maria Isabel (orgs) **Infância e Produção Cultural**. São Paulo: Papirus, 1998.

SILVA, Rosita Matos da; CORSINO, Patrícia. O que cabe num livro? Pensando a leitura literária de crianças do primeiro ano do ensino fundamental. *In*: CORSINO, Patrícia (org). **Travessias da leitura na escola**. 1. ed. – Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade. Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *In*: **Educação e Sociedade**: Revista de Ciência da Educação. Campinas, v. 26, n. 91. maio/ago. 2005, p. 361-378.